

levar vida plena aos outros



Associação Irmãs Franciscanas da Mãe Dolorosa
Ordem Terceira de São Francisco

Novembro
de 2015 #8



EVANGELIUM
PROPHETIA
SPES

A dimensão apostólica na Missão da Igreja

Queridos leitores/as,

Estamos quase no fim do ano dedicado à Vida Consagrada e tivemos a oportunidade de refletir por meio do Newsletter (boletim informativo) sobre o **Testemunho Profético da Vida Consagrada**. No nº 7 refletimos sobre “Vida cristã e a vida consagrada no mistério da Igreja” e no nº 8 sobre a “Dimensão fraterna na Igreja comunhão”. Neste número queremos oferecer algumas reflexões e testemunhos sobre tema da **Dimensão Apostólica da Vida Religiosa na Missão da Igreja**, evidenciando que fomos convidadas pelo Papa Francisco a *viver o futuro com esperança*.

A vida religiosa tem uma ligação particular com o mistério da Igreja e da sua Missão, essa pertence a sua vida e a sua santidade. Na verdade, na origem da consagração religiosa está um chamado de Deus que se explica somente com um amor absolutamente gratuito, capaz de nos unir para testemunhar este amor. Neste ano, também com a provocação do Papa Francisco, cresceu a consciência que a nossa vida religiosa ou é uma profecia para o mundo ou então não tem sentido existir. Fomos ajudadas a entender que a dimensão apostólica não se baseia somente na multiplicidade de ações sociais e, ou de caridade, mas que é profundamente unida aos testemunhos da experiência de Deus na vida pessoal e comunitária. Também as sessões do renovamento espiritual oferecido a todas as irmãs da congregação fez reviver em nós o desejo e o empenho em desenvolver relações profundas, reconciliadas conosco mesmas, com Deus, com os outros e com a criação.

Tomamos consciência que se queremos reavivar a dimensão apostólica da vida religiosa e sermos instrumentos confiáveis no mundo de hoje, devemos nos empenhar para desenvolver uma comunidade mais evangélica que manifesta a presença do Senhor; uma comunidade que cultiva um estilo de vida simples, próximo das pessoas, compreensível; uma comunidade que cultive relações autênticas e profundas entre os membros, entre as pessoas que servimos e entre àqueles com os quais trabalhamos e colaboramos.

Queridos amigos, como irmãs da Mãe Dolorosa nos empenhamos a *participar da Missão de Jesus de levar vida plena aos outros revelando o amor de Deus para todos, especialmente aos pobres*, pedimos a cada um de vocês que nos ajude a sermos o que dizemos querer ser. A mesma vida dos votos que professamos seja anúncio e denúncia profética, da busca constante da vontade de Deus, da partilha dos bens, do trabalho pela justiça, do lugar de encontro com Deus e com os outros.

Ir. M. Teresina Marra, SSM
Superiora Geral

Testemunho Profético da Vida Consagrada

Publicado pela:
Generalado SSM
Via Paolo III, 7-9
00165 Roma, Italia
www.ssmgen.org

ESTAR EM MISSÃO

A misericórdia é a cor de fundo que queremos dar a nossa vida. A misericórdia é o coração da Missão da Igreja.

A POBREZA

A pobreza está ligada a alegria das pequenas coisas, a capacidade de desprendimento e a solidariedade.

TESTEMUNHOS

Quais são os desafios para a vida consagrada nos dias de hoje? De que maneira as pessoas consagradas são chamadas a ser sinal de esperança?

ESTAR EM MISSÃO

O Evangelho nos conta que Jesus, depois de receber o batismo, depois da tentação e da prova no deserto, foi enviado: *“enviou-me para anunciar a boa nova aos pobres, para sarar os contritos de coração, para anunciar aos cativos a redenção, aos cegos a restauração da vista, para pôr em liberdade os cativos, para publicar o ano da graça do Senhor”* (Lc 4, 18-19).

O feliz anúncio, a redenção, o ano da graça do Senhor: como batizados todos nós somos enviados, no seguimento e na companhia de Jesus, a levar a toda parte e a todos a misericórdia de Deus. É esta a essência da evangelização, é esta a Missão da Igreja, o motivo pelo qual a Igreja mesma existe.



Encontramo-nos no meio de dois eventos significativos, o Ano da Vida Consagrada e o Jubileu extraordinário da Misericórdia, que está iniciando. Neste tempo, como congregação temos buscado focalizar a nossa atenção sobre a evangelização através dos vários programas e iniciativas, há poucos dias concluímos a experiência internacional “Evangelizadas para evangelizar”.

São todas ocasiões importantes que nos ajudam a aprofundar a nossa relação com o Senhor, a fazer novamente a experiência do Seu amor misericordioso, a renovar a paixão e o empenho para levar aos outros a misericórdia do Senhor.

A vida religiosa tem uma ligação particular com a Igreja e a sua Missão.



Tudo na nossa vida pode tornar-se ocasião para ser sinal de misericórdia. Na verdade a misericórdia é antes de tudo um estilo de vida, é um critério com o qual, fazemos as nossas escolhas e decidimos as nossas prioridades, é uma maneira de viver as relações. É o pano de fundo que damos a nossa vida: e então nos gestos que fazemos, nas ações da vida quotidiana, no ministério e nas ocasiões extraordinárias, teremos a mesma base, serão, a saber, os gestos de misericórdia e gestos capazes de transmitir misericórdia, a mesma misericórdia de Deus.

Como é rezado em uma oração do século XIV *“Cristo não tem mãos, tem só nossas mãos para fazer seu trabalho hoje. Cristo não tem pés, tem só nossos pés para guiar os homens em seus caminhos. Cristo não tem lábios, tem só nossos lábios para falar aos homens de hoje”*.

Isto significa estar em Missão.

Ir. Samuela Maria Rigon, SSM



Cristo não tem mãos, tem somente as nossas mãos.



A POBREZA

O estilo de vida à luz da pobreza

Um estilo de vida é sempre uma determinada resposta às perguntas que dizem respeito a nossa vida. Em relação ao “conselho evangélico” da pobreza, as perguntas podem ser:

Como me relaciono com as coisas que tenho (adquiridas)? Como a busca por segurança é vivida? Como vivo as minhas relações?

É fundamental fazer distinção entre dois tipos de pobreza. De um lado existe a pobreza vivida como falta, como carência de alguma coisa, como limite que obstaculiza o desenvolvimento da pessoa, uma pobreza que ninguém escolhe por espontânea vontade, mas, torna-se somente vítimas de sacrifícios. Em seguida existe a pobreza escolhida livremente. A pobreza escolhida livremente forma o ser humano e é expressão de uma riqueza mais profunda. Depois existe também a “vida de pobreza”, que surge na vida de uma pessoa que a deve suportar, são doenças e fatalidades.

A experiência de um Deus que se faz pobre, que doa a si mesmo e vem ao nosso encontro assumindo uma semelhança humana, pode ser suficiente para segui-lo nesta estrada. Deus se encontra, sobretudo entre os pobres. Madre Francisca adverte as suas irmãs (religiosas) a nunca esquecerem a pobreza que é a mãe de todas as virtudes religiosas. “*Apenas a palavra ‘pobreza’ chega aos meus ouvidos, tudo em mim prova uma santa alegria*” e chama a primeira casa das irmãs (religiosas) “*casa da santa pobreza*” (Carta de M. Francisca a P. Jordan, 2). M. Francisca se une a São Francisco no seu amor pelo “*Presépio do Senhor, lugar do nascimento da santa pobreza*” (Carta de M. Francisca a P. Jordan, 74). M. Francisca conhece “*o aspecto rudimentar desta joia*”. “*Uma vez reconhecido o seu valor interior, a alma que a essa se junta a amaré tanto que tudo nela se tornará atraente*” (Carta de M. Francisca a P. Jordan, 34).



Quem escolher a pobreza como sua esposa a exemplo de São Francisco, verá que ela é atraente em tudo, porque fundamentalmente isto significa abrir-se ao Senhor, à sua possibilidade de eterno “*Doador*”. A coisa mais importante é a nossa consciência interna de sermos todos “*destinatários*” e de ir ao encontro dos outros com esta atitude e com “*as mãos abertas e vazias*”. O que se recebe vem antes do que se tem. A pessoa é muito mais do ela/ele faça, possa ou possua. Satisfação, gratidão e alegria pelas pequenas coisas pertencem à pobreza. O desprendimento é algo que é preciso aprender e praticar não somente nas coisas materiais.



Outro aspecto essencial da pobreza é a insegurança. É um paradoxo fazer o voto de pobreza em uma congregação religiosa e ao mesmo tempo proteger-se muito bem (de um modo geral ninguém é tão protegido quanto os religiosos!). O nosso empenho de solidariedade com os marginalizados resulta próprio disto, do fato, isto é, que eles não podem alcançar uma segurança real. Além disso, é próprio nisto que implica tornar-se um deles em um nível mais profundo. Assim, a solidariedade não pode estar separada da força profética da denúncia e da acusação, de colocar em evidência as causas e as situações destrutivas e desumanizantes que levam as pessoas à pobreza. Não se trata de partilhar o “supérfluo”. O acúmulo dos bens separa os ricos dos pobres.



Viver a pobreza é libertar-nos dos nossos “apegos” ao dinheiro, a propriedade, a ideia, as normas e aos programas. A base desse comportamento está sempre a atitude de sentir-se como aqueles que recebem, e acreditar que o seremos também no futuro, porque Deus é fiel. Desta forma podemos somente nos doar sem medo e sem limites, com a confiança em Deus que sempre temos experimentado como irmãs da congregação seguindo o exemplo de Madre Francisca e das primeiras irmãs.

A esperança desta perfeição por meio de nosso Senhor nos encoraja a aceitar e a curar nossa “tristeza interior”. Quem já está “saciado” e não lhe falta nada ou não conhece a pobreza, não tem nada a esperar, se satisfaz com aquilo que obteve a nível psicológico, material o espiritual. O primeiro dever da pobreza não é o de dar tudo, nem de doar cada coisa, mas de receber cada coisa como um dom, sem avançar no direito ou no possuir.

Ir. Gudrun Maria Schellner, SSM

Se fores o que deveis ser, colocareis fogo em todo o mundo!





TESTEMUNHOS

Viver o futuro com esperança

A esperança é uma grande energia para a nossa vida. Quando uma pessoa vive sem esperança sofre muito porque não vê um futuro pela frente, não tem uma motivação sólida para empenhar-se, não desfruta as pequenas alegrias da vida, quase sempre se sente desconfortável consigo mesmo e com os outros. No livro dos Provérbios lemos: *“Sem uma direção o povo se perde”* (Pr 11,14). Como pessoas humanas temos necessidade de um futuro pela frente, temos necessidade de esperança.



Papa Francisco várias vezes têm encorajado os jovens dizendo: *“não vos deixem roubar a esperança”*. O que anunciamos quando dizemos que Cristo é a nossa esperança? A esperança cristã é certamente um dom que vem de Deus, já a temos recebido no batismo como virtude que se desenvolve na medida em que a vivemos, a praticamos. A esperança do cristão não é ilusão, não é ingenuidade, não é falta de realismo: ao contrário, começa próprio do reconhecimento e da denúncia responsável das injustiças e do mal que existe na nossa vida e na nossa realidade.



A esperança do cristão não é ilusão porque se fundamenta na certeza do amor de Deus, sobre a convicção que Deus em Jesus Cristo já salvou a história e que vale a pena nos empenharmos a cada dia para construirmos um mundo mais justo, também e sobre tudo quando nos parece não ver os resultados. A esperança cristã é crer que vale a pena empenhar-se para afrontar os obstáculos, para buscar o bem comum, para desenvolver relações de respeito e de comunhão com os outros e com a criação.

Estes são os desafios que cada cristão é chamado a enfrentar: como pessoas consagradas de que forma específica somos interpeladas hoje no testemunho da esperança?

As reflexões que seguem foram oferecidas por dois colaboradores leigos SSM e por duas jovens irmãs SSM.

Ir. Samuela Maria Rigon, SSM

Quais são os principais desafios que para você, a Vida Consagrada deve enfrentar nos dias de hoje?

De Oshkosh – Wisconsin

Creio que são muitos os desafios que a vida consagrada deve enfrentar. Um dos mais importantes é a falta de vocações. Quando eu era pequeno via as irmãs envolvidas na vida da escola, da Igreja e da assistência sanitária. Estavam sempre disponíveis para todos; muitas pessoas sendo inspiradas pelas irmãs se tornaram sacerdotes, freis, irmãs. Foi um período no qual nos Estados Unidos existia uma desesperada necessidade de escolas e de hospitais. As comunidades religiosas se empenharam em providenciar essas atividades e ajudaram as paróquias a se desenvolverem. Agora estamos em um momento diferente, em todas as mudanças existem coisas que terminam e coisas que começam. Devemos nos aproximar dessas mudanças com a sensação de que Deus está nos convidando a alguma coisa.



As mulheres de hoje enfrentam circunstâncias únicas que desafiam o discernimento. Um discernimento não começa com uma decisão impulsiva, mesmo com o melhor guia. Com a não presença das irmãs na maior parte das escolas e dos hospitais católicos, para as mulheres faltam modelos a seguir e apoio no caminho, isto torna complicado o processo de escolha desde o início. Os sacerdotes, mesmo que seja apenas uma vez na semana, tem a possibilidade de encontrar os jovens nas várias atividades e ambientes escolares católicos das paróquias; mas para as irmãs o encontro com as jovens é mais difícil, podem passar até mesmo um ciclo escolar inteiro, do ensino fundamental ao médio sem que tenham esta oportunidade.

O mundo moderno é um lugar que exige muito empenho. Quem de nós que trabalhamos como leigos confia na força da fé e da família para viver os momentos bons e superar os momentos difíceis? Acredito que a vida comunitária no convento, no mosteiro ou em uma comunidade religiosa local seja de grande importância para as mulheres e homens consagrados ao Senhor e a Mãe Igreja. Podemos ser apoiados e ajudados pela própria comunidade religiosa a reafirmar a fé, o ministério e a vocação, quando fazemos isto juntos, encontramos outros que farão conosco este caminho, que se tornam próximos quando a vida se torna difícil, quando temos necessidade de sorrir e interagir com o próximo.

As irmãs tem sido um motor, uma força que movimenta a história do nosso país e da Igreja. Devem ser ouvidas, devem ser ajudadas a direcionarem o futuro da vida consagrada feminina. Muitos cardeais, arcebispos e bispos, estão longe desta realidade, se afastaram do que está acontecendo no mundo real e na Igreja católica de hoje. Eles não deveriam ser os que ditam o futuro das ordens religiosas; para todos os homens e mulheres religiosos é o momento de redescobrir o espírito original do carisma e utilizar esse espírito para reconstruir a vida comunitária. As congregações talvez tenham necessidade de colocarem em foco, através da contemplação e do discernimento espiritual, as prioridades do ministério e da Missão no mundo moderno de hoje.



De Roma – Itália



Para responder a esta pergunta procurei refletir sobre a situação de desconforto que o mundo de hoje enfrenta.

Como é o mundo de hoje? Como se apresenta a sociedade atual? O mundo no qual vivemos hoje é um mundo que para mim e mais estéril; a sociedade, uma sociedade que acredita no que vê, no que toca, mas pouco no que vive. Isso a meu ver é o primeiro grande desafio que a Vida Consagrada deve enfrentar.

Entrar no coração e na vida das pessoas em

uma época que nos quer sem identidade, sem rosto. A Vida Consagrada nos chama continuamente a manter viva a própria identidade. Ao mesmo tempo tem em si uma forte proclamação da dimensão transcendente e profética. É ela mesma um anúncio da fidelidade da misericórdia de Deus. Espera-se que os consagrados e consagradas, através da escuta cotidiana da Palavra de Deus, estejam prontos para transmitir com o exemplo de vida e com uma linguagem nova a mensagem de salvação para as novas gerações sedentas de verdade e autenticidade.

Uma característica própria da Vida Consagrada é o ser dinâmica, as pessoas são sempre desafiadas a adaptar-se, a comunicar-se e a interagir nos diversos contextos culturais, nos quais estão presentes e trabalham. É, portanto, o desafio de escapar ao que é estático para melhorar a comunicação entre os indivíduos e entre os povos, acima de qualquer ideologia ou pensamento.



Em outras palavras, das pessoas consagradas se espera que seja um modelo de espiritualidade e de fidelidade na vida cotidiana. Na verdade, minha opinião é que os mecanismos da vida de uma comunidade religiosa são os mesmos da família no sentido próprio da palavra. E quando hoje o sentido da família é comprometido pelas novas exigências sociais, o coração se aquece ao observar a relação de comunhão entre os membros de uma família religiosa.

Como uma leiga cristã que é casada a pouco tempo, gostaria verdadeiramente de ver as pessoas consagradas viverem o próprio Carisma e vibrarem de felicidade quando dizem serem *instrumentos para levar vida plena aos outros* de uma maneira que acreditam já terem alcançado. Para mim a vocação de um consagrado é o de ser o coração da Igreja, o coração, isto é, do povo de Deus em caminho.

Jessica Rocchi

Como um membro novo da congregação quais são as suas esperanças para a vida religiosa? O que você acredita poder esperar deste tempo de fragilidade e insegurança?

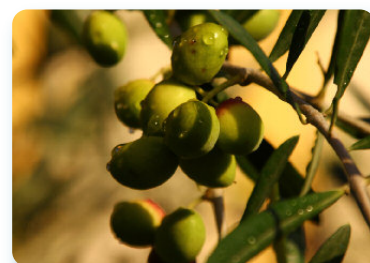
De Grenada – West Indies



“Se fores aquilo que deveriam ser, colocariam fogo no mundo!” (Santa Caterina de Sena, Carta 368). É esta a minha esperança para a vida religiosa, continuar a viver em uma oração vibrante e, que a vida comunitária seja ativa nos ministérios, de modo que a nossa vida e as nossas ações possam iluminar e transformar o mundo.

Quando viajo, quando encontro as pessoas, ou mesmo quando reflito sobre o que acontece no mundo, percebo desespero, impotência,

raiva e falta de perdão. Por que o número de suicídios cresceu? Porque as pessoas perderam a esperança. Nós devemos ser uma luz para o mundo, um fermento. Nós religiosos conhecemos, experimentamos o amor e a misericórdia de Cristo e devemos transmitir isto ao mundo.



As pessoas tem necessidade de saber que Deus deseja entrar em relação conosco, que como seus filhos somos dignos do seu amor e da sua misericórdia. As pessoas devem ter uma esperança, devem saber que mesmo o que temos feito ou que podemos fazer nada impedirá a Deus de nos amar. As pessoas tem necessidade de escutar esta mensagem, de viver acreditando. Estou convencida que esta é uma das maneiras pelas quais a transformação pode acontecer nos dias de hoje neste mundo. Alguém disse uma vez que para fazer a diferença na vida de uma pessoa não precisa ser brilhante, rico, bonito ou perfeito, precisa apenas saber cuidar.

Neste período de fragilidade e incertezas somos chamadas a entrar profundamente em contato com Jesus Cristo e nos deixar transformar para podermos, como pessoas de fé, dar frutos de compaixão, amor, coragem, perdão. Jesus Cristo é a nossa única esperança! Continuemos a aprofundar a nossa relação com Ele através da Eucaristia, rezando, refletindo sobre suas palavras, deixando que nos toque o coração e nos tornando luzes para os outros.



Jesus nos pediu para sermos sementes, fermento, sal e luz. Portanto, continuemos crescendo e resplandecendo para a glória de Deus!

Ir. Yvette Marie Fernander, SSM

De Roma – Itália

Em um tempo no qual se fala de crise das relações, de países que constroem muros para impedir a superação do próprio confinamento e de famílias divididas entre si, acredito que seja importante para a vida religiosa redescobrir um dos pontos fundamentais da própria identidade: ser instrumento de comunhão. O documento “*Vita Consecrata*” nos convida a sermos “*sinal de um diálogo sempre possível e de uma comunhão capaz de harmonizar a diversidade*”. No entanto, a fragilidade humana parece contradizer esta grande vocação; o que se faz para estar em comunhão com alguém que te feriu? É possível a colaboração com pessoas tão diferentes entre si? Vale a pena empenhar-se diante de todas estas resistências?

A minha esperança é que a vida religiosa possa dar uma *resposta cristã* a estas perguntas, seja a nível pessoal, bem como comunitariamente; que possam olhar como Cristo viveu as diferenças, os conflitos, as injustiças, para poder viver de maneira nova a fragilidade e as diferenças que existem entre nós. A minha vulnerabilidade é preciosa porque me ajuda a acolher o outro na sua, sem julgá-lo. A esperança é que possamos ser escritores com o Senhor Jesus, de uma história diferente das manchetes boas ou ruins que lemos nos jornais, na qual terá espaço para acolhida, para a diversidade, e para a unidade. Não é negando ou eliminando as nossas fragilidades que faremos comunhão, mas é buscando acolher e integrar, que nos tornaremos homens e mulheres de Cristo. Somente uma vida religiosa *plenamente humana* pode fascinar as novas gerações, pode falar de um Deus que parte do humano, ama tudo o que somos: potencialidades e vulnerabilidades. Se formos um reflexo deste amor a nossa vida será ainda um convite para muitos jovens.

Ir. Gisella Maria Lo Conte, SSM

Não vos deixem roubar a esperança.

